

Hábitos, cotidiano e Terapia Ocupacional

Jô Benetton

Doutora em Saúde Mental

Solange Tedesco

Mestra em Saúde Mental

Sonia Ferrari

Especialista em Saúde Mental

ceto: ceto@hydra.com.br

Resumo

Este trabalho reflete aspectos fundamentais que norteiam as investigações e as produções no *ceto*. Na investigação teórica procura-se estudar a evolução do conceito de cotidiano e a utilização deste nos procedimentos do Método Terapia Ocupacional Dinâmica. Detalha-se a evolução do conceito de hábitos aplicado por Slagle, e os principais aportes de autores da filosofia e das ciências sociais sobre cotidiano: Lefebvre, Lukács, Heller, Certeau e Bourdieu. O núcleo da investigação está na origem e evolução e passagem da aplicação dos hábitos para o cotidiano, sendo este pensamento sustentado na história e na lógica interna da Terapia Ocupacional. Para o estudo propõe-se a apresentação dos autores e suas investigações sobre os conceitos de hábitos, cotidiano, atividades e a aplicabilidade destes na clínica terapia ocupacional.

Palavras-chave: hábitos; cotidiano; método terapia ocupacional dinâmica.

Summary

This work reflects the fundamental aspects that conduct *ceto* investigations and production. During the theoretical investigation, the evolution of the concept of everyday, and its use in Occupational Therapy Dynamics Method procedures, is studied. The evolution of the concept of habits administrated by Slagle is reported in detail, as well as the main guidelines on everyday life outlined by philosophy and social sciences authors, such as Lefebvre, Lukács, Heller, Certeau and Bourdieu. The nucleus of the investigation is in the origin and evolution, and in applying these habits to everyday life, this being the idea sustained in Occupational Therapy's history and internal logic. For the study, we recommend the presentation of the authors and their investigations concerning habit, everyday life and activity concepts, and their applicability in the occupational therapy clinic.

Keywords: habits; everyday life; occupational therapy dynamics method.

Introdução

Na literatura atual da Terapia Ocupacional existe explicitamente ou implicitamente a associação entre o conceito de cotidiano e a participação social, sendo esta a proposição final dessa profissão. Na clínica é que a ocorrência desse pressuposto torna-se quase uma constante.

Benetton (1994), "A exclusão social é a problemática de partida para a terapia ocupacional... quando me refiro ao paciente grave, ele está assim não só pelo seu diagnóstico médico, mas principalmente pela repercussão social acarretada pelo seu quadro. Ele é um problema real, da realidade e do cotidiano social."²

Por outro lado, a Associação Americana de Terapia Ocupacional, (AOTA 1994), também explicitamente, no mesmo ano, mas sob o vértice da profissão, retira do cotidiano ocupações que servirão de recursos na ampliação do desempenho de pacientes, a ponto de colaborar para que se tornem contribuintes do meio social:

"A Terapia Ocupacional é a análise e aplicação de ocupações selecionadas do cotidiano, que tenham um sentido ou um propósito para o paciente. Desta maneira permite ao paciente ganhar, recuperar, aumentar ou prevenir a perda das habilidades ocupacionais, tarefas, rotinas ou papéis, que ele tenha desempenhado no passado ou está aprendendo a desempenhar. Sendo assim, podendo participar como um membro contribuidor mais completo possível nos seus meios sociais, pessoais e econômicos" (AOTA, 1994 in Willard & Spackman, 1998) ²²

O termo cotidiano é usado nesses dois casos de forma bastante distinta, apesar de remeterem ao mesmo propósito: participação social. Quando a AOTA propõe "ocupações selecionadas do cotidiano", pode-se saber aí, qual é a fundamentação conceitual para o termo ou trata-se de senso comum? O sentido aparente dessa afirmação não permite a compreensão e nem sugere a aplicação do conceito teórico de cotidiano como instrumento sociocultural de inclusão social. Dependendo ainda da forma como os autores concebem o constructo teórico das ocupações ou atividades, eles se distanciam da idéia de cotidiano como local de construção

social e passam a utilizá-lo na clínica apenas no sentido de atividades do dia a dia. Os prejuízos são de ordem crescente principalmente quando não está prevista a observação da cotidianidade (Heller, 2000) do sujeito alvo da terapia ocupacional de tal forma não ser possível conhecer e/ou entender a sua cultura sociofamiliar.

Cada palavra apresenta ou representa uma necessidade social. Cada uma delas obedece à necessidade de nomear um objeto, uma idéia, um acontecimento, e cada palavra reflete também uma comunicação entre os membros de uma comunidade. Nesta empiricidade está contextualizado o termo cotidiano nas duas afirmativas anteriores. Entretanto, para se fugir do senso comum das palavras, no interior mesmo das ações regidas pelo método empírico existem graus maiores ou menores de empirismo: da improvisação completa à utilização sucessiva de objetivos intermediários conhecidos, onde pode ser medido o sucesso de um empreendimento.

Tratar de terapia ocupacional e de cotidiano predispõe, neste caso, traçar uma rota de análise de conceitos teóricos e de teorias das técnicas. A aproximação desejada busca objetivar em tempo e lugar o uso do termo "hábitos" na origem da Terapia Ocupacional, e o termo "atividades" definido como instrumento no método terapia ocupacional dinâmica, capaz de promover a construção do cotidiano em função de uma participação social.

Esta é a proposição nuclear deste artigo, no qual pretende-se descrever e analisar em princípio o termo "hábitos" através dos autores François-Pierre Gonthier, chamado de Maine de Biran (1766-1824), Félix Ravaisson (1813-1900) e V. Egger (1880). Em seguida o mesmo tratamento será dado ao conceito de "cotidiano" através dos teóricos Agnes Heller, antropóloga (1929), Michel De Certeau, pensador francês (1925) e Pierre Bourdieu (1930- 2002). Por último, um

pensamento evolutivo em terapia ocupacional com a proposição inicial do termo "hábitos" em Eleanor Clarke Slagle (1876-1942) e os estudos do Centro de Estudos de Terapia Ocupacional com a proposição do termo "cotidiano".

Hábitos

A preocupação constante com as palavras e sua utilização na lógica da Terapia Ocupacional determina a escolha do plural para o termo "hábito", uma vez que sabiamente Slagle assim o usou para dar conta dos preceitos da clínica: das "desorganização de hábitos", "reações habituais", do "treinamento de hábitos" e da "construção de rotina". Uma segunda preocupação é ir em busca da literatura, pelo menos em consonância de tempo, entre os conceitos de "hábitos" na literatura filosófica do fim do século XIX e início do XX, quando tem origem nos Estados Unidos o projeto da profissão Terapia Ocupacional.

HÁBITO (latim *Habitus/habituális*): uso, costume, maneira usual de ser (Ferreira, 1986.). Para David Hume, filósofo escocês, (1711-1776),

"O principio de causalidade não é nada mais que a manifestação de uma propriedade psicológica do sujeito. A inércia do espírito o faz esperar, a cada vez, que aconteça a repetição do que o sujeito já registrou, e isto, com muita força, de tal forma que essa repetição é confirmada muitas vezes e jamais esquecida. Essa faculdade é o hábito. cremos que o sol se levanta hoje porque ele se levantou ontem. Não há aí nenhum fundamento de lei. A ciência não é mais que uma conjunção de crenças às quais aderimos muito fortemente e que não são simplesmente desacreditadas. Mas, se não são mais que crenças, ou menos, nada nos permite dizer que este domínio seja outro além de crenças". (Boirel, 1972).³

François-Pierre Gonthier, dito Maine de Biran, filósofo espiritualista francês (1766-1824) e Félix

Ravaisson, metafísico de Leibniz (1813-1900), aportam que, após Pascal, uma "segunda natureza" do homem se manifesta na execução de ações assimiladas e de forma sempre semelhante de as conduzir. Graças a essa segunda natureza existe a continuidade da faculdade de adaptação na vida coletiva e espiritual. A função psicológica do hábito consiste no desenvolvimento de atos semelhantes, repetitivos, que se reproduzem em seguida, sem necessidade de novos esforços da consciência, ampliando a vida psíquica e assim realizando uma economia do pensamento e da atenção. Muitos dos processos psíquicos da memória, nos estudos e no curso das ações automatizadas, se explicam pelo hábito, (hábito de pensar, de calcular, hábito de se levantar numa determinada hora etc.). De maneira geral podemos dizer que o hábito é um fenômeno biológico, físico e psicológico, constituído pelo fato de que, após haver aprendido uma vez uma ação qualquer, um ser conserva uma sensação tal que – se essa ação se repete ou continua – ela não se modifica mais como o fez da primeira vez.

"Há casos em que a sensação desaparece por adaptação. Habitua-se ao frio não só porque se lhe presta menos atenção, mas, também porque a circulação sanguínea se modifica, porque se formam gorduras nos tecidos, etc., e por fim quando as excitações recebidas pelos nervos diminuem". (Boirel, 1972)³

Uma tese comumente admitida por certos psicólogos franceses, sob influência de Maine de Biran e Félix Ravaisson, é que o hábito é uma forma de vontade no sentido amplo do termo, isto é, da ação espontânea do homem se empregamos o hábito no sentido positivo. *"Hábito positivo é corrigido por esforço mental uma vez que o negativo é pura e simplesmente sinônimo de acomodação".* (Boirel, 1972).³

Visto sob esse ângulo, o hábito facilita a ação

quando ele permite ao homem de ação economizar energia. Um exemplo muito simples: os hábitos de horários de um chefe de empresa correspondem de fato a um planejamento da jornada de trabalho.

Nestes casos, por exemplo, o emprego do tempo nos hábitos da casa e de chefe de empresa serve para que as horas e os dias indicados não criem uma constante preocupação – há possibilidade de se conhecer os momentos de disponibilidade.

Por outro lado, é possível que seja necessário um plano de ajustes sucessivos (V. Egger, "La Naissance contraignante des habitudes", in *Annales de la Faculté de Bourdeaux*, 1880): e se a organização da casa deve ser modificada, pode ser reajustado o emprego do tempo, que de novo se tornara um hábito, quando a modificação for obrigatória graças ao fenômeno da adaptação. (Boirel, 1972).³

Abraham A Moles, (1972), acrescenta: "...os atos involuntários são da ordem dos hábitos, do condicionamento e da aprendizagem. ... O ato involuntário representa uma economia do espírito uma vez que põe em marcha as funções mais simples do sistema nervoso." Moles, citando B. Russel (1950), complementa: "Diz-se corriqueiramente que devemos cultuar o hábito de pensar no que fazemos. A verdade está exatamente no contrário. Todo progresso do espírito consiste em multiplicar o número de operações que podemos fazer sem pensar. As operações do espírito que requerem munições novas, devem ser raras e devem operar em momentos decisivos." (Boirel, 1972).³

Esses estudos sobre hábitos (século XVIII até a metade do século XX), falam de um "homem de ação", do qual as atividades são consideradas importantes. Pode-se considerar hoje esse homem de ação um mito humanista e um estereótipo cultural, mais do que uma realidade social. Entretanto, no início do século XX, predominava

ainda o pensamento que os hábitos faziam o homem. O parêntesis necessário aqui é a lembrança do grande movimento moral-humanístico desencadeado popularmente nos Estados Unidos no início do século XX. Através dele, programas sociais foram implantados por homens de bons hábitos, homens de ação e as primeiras mulheres voluntárias na ação social.

Pode-se apontar que, nessa rota sociocultural estava sendo criada a Terapia Ocupacional.

Nada resta como estranho que o primeiro projeto de procedimentos dessa profissão seja o "treinamento de hábitos".

Hábitos e Terapia Ocupacional

Os biógrafos de Eleanor Clarke Slagle (1876-1942) apresentam-na como uma mulher de sua época. Sua condição social, cultural e econômica permite hoje estabelecer um paralelo entre os pensamentos da moda e sua aplicabilidade na nova profissão Terapia Ocupacional, que, sem dúvida, ela passou a conduzir. Esta apreciação, por suposto, deve ser demonstrada. Em 1921* Slagle escreveu: "Na nossa presente compreensão da psiquiatria e métodos de profilaxia nós somos obrigados a assumir que uma das grandes necessidades apresentadas em nossos hospitais públicos hoje, terá desaparecido para sempre nos próximos dez anos. Neste tempo nós já deveremos ter eliminado qualquer atraso. Não importa o quão bem treinados sejam os trabalhadores ocupacionais dentro da sala de aula. É só a partir da dedicação e de um amor genuíno a família humana, entre pacientes que estão nos hospitais há pelo menos cinco anos ou vinte anos e que caíram para o nível mais baixo de animalidade, que poderão entender a direção e participação em classes de treinamento de hábitos..... A construção do hábito para pacientes com demência precoce é extremamente importante. Se esse paciente tem uma

desorganização básica de hábitos, então, nós precisamos cada vez mais nos preocupar com elaborações dos trabalhos que já foram começados em muitos hospitais. Então, o nosso primeiro dever quando treinamos o trabalhador ocupacional é mostrar para eles qual é o problema; que na maioria das vezes, nossa vida é constituída de reações habituais. Ocupação usada de forma terapêutica serve para sobrepor alguns hábitos, para mudar outros e construir novos, com a finalidade que as reações habituais serão favoráveis para a restauração e manutenção da saúde. ... No treinamento de hábitos, nós mostramos claramente o fator pedagógico e psicológico que o trabalhador ocupacional deve sempre prestar atenção com pacientes — quer dizer, a necessidade de precisar de atenção, de construir a partir do hábito da atenção, se transforma em aplicação, voluntária e com o tempo consentida”.(Slagle, 2003) 18

Slagle entende a reabilitação social através da distinção dos pacientes psiquiátricos em três grupos: os que permaneceriam internados, passando a vida no hospital; os que retornariam às atividades e à vida na comunidade; e aqueles que se beneficiariam de um trabalho supervisionado preventivo à hospitalização.

Sua percepção da Instituição Psiquiátrica vigente, sem dúvida nenhuma de foro humanístico, vai mais além quando prevê a sua reforma total e formula procedimentos baseados em esperanças e intenções, calcadas no mesmo pensamento humanístico.

Os hábitos, para ela como para os autores antes apresentados, são os objetos fundamentais, não só para a cura, mas também como instrumento para uma nova vida social. Novos hábitos significam saúde e o retorno à comunidade.

Através das ocupações e às vezes pelas atividades “...para incorporar certos estudos teóricos e técnicos e para enfatizar a relação de

atividade dirigida para ajuste mental e reabilitação social durante todo o treino”, é que se objetiva a mudança de hábitos. Nada aqui mais coerente com os estudiosos do hábito. Um homem de ação tem sua importância em suas atividades. Mais que isso, os hábitos permitem o espaço para pensar e criar.

Uma mudança de paradigma no tratamento de doentes mentais estava se constituindo. Paradigma, no sentido originário, advém do latim *paradigma* e do grego *paradeigma*, querendo dizer *um exemplo servindo de modelo ou padrão*. O “para” significa *ao lado de* e “deigma” *mostrar, demonstrar, ilustrar*. É preciso lembrar que “na concepção platônica, as idéias constituem paradigmas por serem consideradas modelos perfeitos e eternos, das quais os objetos existentes na natureza são cópias”. (Turato, 2003)²⁰

As idéias de Slagle na construção da Terapia Ocupacional constituem um novo paradigma. Advindas do acúmulo de vivências cotidianas por um longo tempo, tanto na assistência a pacientes psiquiátricos como na formação dos primeiros profissionais, foram ao longo do tempo se distanciando do paradigma médico.

Através do desenvolvimento de “hábitos saudáveis” explorados na realização de atividades, os doentes mentais podiam ser cuidados dentro das instituições totais e/ou tratados para serem reinseridos socialmente. Como pressuposto, Slagle pensava aspectos saudáveis do comportamento para construir a premissa de “hábitos saudáveis” remetendo tecnicamente ao “treinamento de hábitos”.

Pensando em hábitos, como era estudado na primeira metade do século passado, isto é, o espaço para pensar e criar a proposta para a nova profissão já nasce com a possibilidade de ampliação e aprofundamento.

Um único aspecto neste importante projeto não

estava previsto. Apesar de Slagle sempre colocar como propósito final a reinserção social, a forma com esta passagem podia ocorrer não foi nem mencionada.

Não é possível ter claro que a manutenção de estudos de hábitos em métodos e modelos de atuação de terapeutas ocupacionais seja conseqüência da prática de Slagle, mas são muitas as referências a esse tema. Alguns aportes são interessantes, mais ainda porque acrescentam novos vértices que são da deficiência, da ausência ou do desequilíbrio de hábitos. Como forma de ilustração, por não ser este o caminho trilhado pelo *ceto*, eis alguns desses aportes.

Segundo Jacobs (1987), hábitos são executados ou realizados em nível pré-consciente. Em Willard e Spackman (1998), "Hábitos envolvem maneiras conhecidas de fazer coisas que se revelam automáticas. Através da experiência repetida uma pessoa adquire um mapa para reconhecer e se comportar no ambiente familiar. Devido ao hábito de alguém o outro sabe intuitivamente, por exemplo, como agir no ambiente familiar. Os hábitos posicionam as pessoas em diferentes eventos e acontecimentos da vida cotidiana. Os hábitos, como a performance na rotina de atividades, leva em consideração particularmente como se dá o uso do tempo e qual é o estilo próprio de comportamento." "Hábitos são, geralmente, desenvolvidos todo o tempo como um meio de tornar a performance mais eficiente (Kiel e Burk, 1985; Rogers, 1986; Rogers e Holm, 1991 in Willard & Spackman, 1998)²². Hábitos são associados à vida diária, sendo únicos para cada pessoa (individualizados) e são mecanismos de habituar os humanos para efetuar todo dia o requerido, o esperado ou o desejado, de maneira eficiente.

A aquisição de hábitos é mais difícil que a de habilidades, uma vez que hábitos envolvem uma unidade de comportamento de maior

complexidade e dependem da existência de um nível mínimo de proficiência.

Hábitos, por exemplo, envolvem a rotina de cuidados matinais versus a habilidade de cuidados de "cavalos". Enquanto habilidades são individualizadas pelo estilo de realização, hábitos são individualizados pela seqüência pela qual as tarefas estão ligadas às rotinas. Após levantar-se pela manhã alguns indivíduos fazem a toailete, outros comem, outros lêem jornais etc., e em seqüências diversas. Hábitos trazem também embutidos em cada manhã tarefas de cuidados. Por exemplo, algumas pessoas vestem roupas de cima antes das de baixo, outras ao inverso.

Déficit de hábito é a extinção ou o rompimento da rotina diária. A individualidade dos hábitos faz com que mais dificilmente sejam acessados e tratados do que as deficiências de habilidades. Semelhante às habilidades, os hábitos são adquiridos todo o tempo, mas habilidades podem ser demonstradas numa única sessão, avaliação ou intervenção diferente dos hábitos que os conhecemos no decorrer do tempo para avaliar sua existência, constância e efetividade. Assim como as habilidades, a tarefa e o ambiente social e físico podem também afetar os hábitos.

Em Willard & Spackman (1998), Holm, Rogers, Stone, "Como está indicado no guia de decisão, deficiência de hábito geralmente pode ser dividido em 4 categorias: os que são dependentes do ambiente, os que não são desenvolvidos ou obrigatórios, os que são ineficientes e os que são impróprios".²²

"A ausência de hábitos ou de rotinas reflete um estilo de vida na qual há falta de uma estrutura suficiente e que é relativamente imperceptível. Em crianças pequenas, existe uma ausência de iniciação própria de hábitos, mas até mesmo crianças muito pequenas engatinham rapidamente, se acostumam a rotinas e hábitos estabelecidos pela família ou membros da equipe

de cuidados diários. Quando hábitos e rotinas são ausentes as crianças não se desenvolvem na idade apropriada.”²²

Para adolescentes e adultos, no ambiente de trabalho, a ausência de hábitos que suportem desde a hora de chegada até procedimentos seguros de trabalho, pode afetar a habilidade de reter ou obter um emprego até mesmo quando o trabalhador é altamente habilitado.

Se os hábitos estiverem construídos, mas sofrerem alterações desde doença própria ou na família, surgem as depressões ou as discrepâncias de performance.

“Quando existe um tempo muito curto para a reabilitação, é difícil ajudar os pacientes a desenvolver rotinas que se tornem hábitos.” (Willard & Spackman, 1998)²²

Estas ilustrações não sofrerão análise e discussão, uma vez que este não tem sido o caminho trilhado nos estudos do *ceto*: Pela análise que fazemos, os autores do início do século XX que se fundamentam no pensamento filosófico ampliam a discussão de hábitos no contexto social e filosófico. Porém os autores reduzem o conceito de hábitos a um funcionamento do comportamento analisando fragmentariamente rotina, hábitos, performance, habilidade.

Cotidiano

Etimologicamente a palavra cotidiano tem origem no latim *quotidianus*, “diz-se de aquilo que é diário, que sucede ou se pratica habitualmente” (Cunha, 2002) ⁷. No Dicionário Aurélio (1986) encontra-se: de todos os dias; diário; a vida cotidiana. De vida cotidiana, Robert (1996): “o que contém a vida de todos os dias”¹⁷

O conceito de cotidiano passou a ser estudado pelas ciências sociais a partir da herança da era da razão, no séc. XIX. A partir daí cotidiano passou a ser discutido e entendido como elemento

constitutivo da trama social.

Os três estudiosos, Lefebvre, Lukács e Heller, já apresentados na introdução, apresentam estudos completos sobre o cotidiano, vida cotidiana e cotidianidade. Em comum, estes autores apresentam uma análise crítica sobre o cotidiano e o pragmatismo que o contagia. Demonstram a trama do cotidiano ponderando a relação estabelecida entre a ação política e o cotidiano, como forma reguladora do detalhe, do dia a dia. É na possibilidade de entender os processos pelos quais os produtos das ações subjetivas passam a ser apresentados como objetivos (reificação), que estabelecem a vida cotidiana como matriz de transformações.

A primeira maior sistematização nos estudos do cotidiano é dada por Lefebvre na década de 40, atraindo a atenção de autores marxistas ou neomarxistas. O tema também está presente em outras perspectivas, como a fenomenologia e a socioantropologia.

Lefebvre (1981) propõe uma discussão onde o único meio possível de analisar o cotidiano, de desvelar a sua essência ou desnudar a sua decadência é através da filosofia. Para este autor, três perspectivas devem ser consideradas para apreender a vida cotidiana: a busca do real e da realidade, a totalidade e as possibilidades da vida cotidiana enquanto motora de transformações globais.

Para Lukács (1979), filósofo e crítico literário, seus trabalhos apresentam uma teoria da alienação e da reificação muito antes das publicações de Marx sobre o assunto. Suas discussões sobre o cotidiano e a crítica sobre o pensamento unidimensional da vida cotidiana é por excelência o lugar que se desenvolve a vida humana. As objetivações ocorrem por intermédio do trabalho, da linguagem, do pensamento, do sentimento, da ação e da reflexão do homem. Nos trabalhos de Lukács reconhecidos como do

período "idealista" ou metafísico (obras escritas até 1919) encontramos uma crítica ético-social à vida empírica, comum, cotidiana: "... nesta vida cotidiana nada se realiza totalmente, e nada jamais é levado a seu termo. Tudo escorre, tudo se mistura sem freios e forma uma aliagem impura; tudo é destruído, tudo é desmantelado.... A verdadeira vida é sempre irreal, sempre impossível para a vida empírica. Algo resplandece, brilha como um relâmpago por cima dos caminhos batidos; algo que perturba e seduz, algo de perigoso e surpreendente, o acaso, o grande instante, o milagre."¹⁵ (Lukács, 1971). Posteriormente, observa-se nas obras de Lukács (1979) três formas de objetivação que permitem, temporariamente, interpor-se à vida cotidiana: o trabalho criador, a arte e a ciência.

Heller (1986-2000), discípula de Lukács e membro da Escola de Budapeste, hoje docente da cadeira Hannah Arendt de Filosofia e Ciência Política da New School for Social Research, em Nova York, apresenta três fases principais nas suas obras. Na primeira fase, a marxista, encontra-se a discussão sobre as dimensões morais e políticas da ação humana, a práxis e o lugar da ética no marxismo. Nesta fase encontramos os principais temas tratados por Heller, como o sentido da história, o cotidiano e o não-cotidiano (ver Sociologia da vida cotidiana, 1977). Em uma segunda fase, chamada de transição, encontramos os pressupostos que a afastam das idéias de Marx. Na terceira fase aprofunda-se o interesse pela condição humana, responsabilidade, autonomia, a liberdade, as possibilidades de felicidade. Nos trabalhos que tratam da cotidianidade encontramos as reflexões da filósofa diferenciando das obras ligadas à história da filosofia, tendo hoje uma ampla e importante obra sobre a "condição humana", sobre a ética da existência e da personalidade. Nesta autora, a constituição das identidades subjetivas estão constitutivas na identidade social, como compromisso, autonomia

e criação. Seu pensamento apresenta a idéia que o caráter, a ética se apresentam na experiência do dia a dia, *na escolha de si como destino* (Freire, 2002) ⁸. Estabelecendo uma relação entre o sofrimento inerente das "incertezas" e sua relação com o "senso de responsabilidade", coloca o cotidiano como base para o exercício da ética. De Nietzsche (filósofo alemão, nascido na Prússia, 1844-1900) a autora valoriza a perspectiva de que nenhum fato é dado, mas a construção se dá na interpretação dos fenômenos onde as necessidades conduzem a uma interpretação de mundo:

Conceituando cotidiano, Heller diz: "O cotidiano pode ser entendido como o lugar da repetição, do concreto, da experiência vivida. Constitui também um espaço de transformação, pois é nele que ocorrem relações sociais e se articulam a produção e a reprodução; o banal e o importante; o privado e o público."¹² "A vida cotidiana é o conjunto de atividades que caracterizam a reprodução dos homens particulares, os quais por sua vez, criam a possibilidade de reprodução social."¹² "A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem sem nenhuma exceção. Ninguém consegue identificar-se com a atividade cotidiana genérica a ponto de desligar-se inteiramente da cotidianidade. E ao mesmo tempo não há nenhum homem que viva tão somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente."¹² "A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela colocam-se em 'funcionamento' todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias."¹²

Para ela, a vida cotidiana, além de heterogênea contém uma certa hierarquia que não é rígida

ou imutável, mas que é alterada em função dos valores e da experiência acumulada pelo indivíduo em sua história:

Como escolha existencial, Heller aponta a "autenticidade": "Escolher a nós mesmos e começar a nos tornar o que somos é uma escolha existencial. A escolha existencial é um salto. Se você pensa no mundo em termos de esferas, pode dizer que você salta para uma esfera; para a esfera ética ou religiosa, para a esfera do político, do erótico, da parte criativa ou estética e assim por diante. Você não escolhe filosofia, mas a si mesmo como filósofo; você não escolhe política, mas a si mesmo como político; você não escolhe seu amado, mas a si mesmo como amante. Você pode também falar do salto em outros termos. Mas, nos termos de nossa presente discussão, diria que o salto significa destinar a si mesmo e não determinar a si mesmo." (Heller, 1996)¹²

A conceituação, análise e discussão apresentada por esse três autores constituem a base fundamental dos estudos no *seto* direcionados para a compreensão da observação e coleta de informações nas maneiras de fazer, parte individual constituinte do cotidiano que implica e remete ao social.

A Editora Vozes apresenta na contra-capla da obra *A invenção do cotidiano, 1. Artes de fazer*, de Certeau, (2002), o seguinte: "... Ele inventa o cotidiano, graças às artes de fazer, astúcias sutis, táticas de resistência pelas quais ele altera os objetos e os códigos, se reapropriando do espaço e do seu uso a seu jeito"⁵. Do ponto de vista da semiótica ele aborda as *maneiras de fazer*, como "táticas" articuladas sobre os "detalhes" do cotidiano, em oposição a Foucault, que coloca a ação cotidiana submetida à ordem política.

Dessa posição Certeau propõe: "Muitas práticas cotidianas (falar, ler, fazer compras ou preparar refeições), são do tipo tática. E também, de modo mais geral, uma grande parte dessas 'maneiras

de fazer' constituem vitórias do 'fraco' sobre o mais 'forte' (os poderosos, a doença, a violência das coisas ou de uma ordem, etc.), pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcia de caçadores, mobilidade da mão-de-obra, simulações polimorfas, achados que provocam euforia tanto poéticos como bélicos". (Certeau, 2002)⁵

Remontando aos saberes antigos, essas táticas dizem de uma "inteligência indissolúvel dos combates e dos prazeres cotidianos que articula..."(Certeau, 2002)⁵. Isso se dá a partir da construção e significação dos "detalhes do cotidiano", das diferentes "maneiras de fazer", onde a proliferação de histórias e operações heterogêneas compõem os "patchworks" do cotidiano.

Por fim uma confissão encontrada no Freud (1929-1930) de *O Mal-estar na civilização*, prolífera e profícua para os terapeutas ocupacionais que trabalham com o conceito de construção do cotidiano para uma população de excluídos: "Quando não se tem o que se ama, é preciso amar o que se tem.... tive que recorrer, queiram me compreender, sempre a mais e pequenos prazeres, quase invisíveis, substitutos... vocês não fazem idéia como, com esses detalhes, alguém se torna imenso, é incrível como se cresce."(Certeau, 2002)⁵.

Em Bourdieu (1982), a "teoria reflexiva" critica duramente a dicotomia entre teoria e pesquisa empírica e constrói seus dois conceitos fundamentais: *campo* e *hábitus*. No conceito de *campo*, Bourdieu confronta a idéia de sociedade ou produção cultural como um sistema integrado, comum ou global, para ele uma sociedade diferenciada "consiste em um conjunto de espaços de jogos relativamente autônomos que não podem ser remetidos a uma lógica social única (ou seja: capitalismo, modernidade ou pós-modernidade)"⁴. O conceito de *hábitus* constitui um conjunto de conhecimentos práticos adquiridos pelo tempo, experiências e pelo cotidiano (estado

habitual); desta forma, temos uma matriz geradora de práticas e ações que são ajustadas às condições objetivas porém não necessariamente percebidas.

Para Lash (1995), "o *hábitus* de Bourdieu efetivamente diz respeito a como um ator social está envolvido na produção ou construção de estruturas sociais. Bourdieu para Lash deseja compreender o relacionamento entre o eu consciente e as categorias impensadas. Estas não são causas, mais que isso, são bases ontológicas da consciência prática. As categorias impensadas constitutivas do ser humano são fundadas no conhecimento prático, no tempo, na experiência e no cotidiano."¹⁰ Assim Bourdieu trata de espaço e tempo. Essas categorias classificatórias são categorias de "gosto", não no sentido estrito, mas no geral, de toda a extensão de nossos hábitos e práticas mais imediatos.

Essa reinvenção atual do termo *hábitus* é inédita em Bourdieu e difere profundamente dos estudos e conceitos de hábitos apresentados anteriormente. Em primeiro lugar, *hábitus* tem nele implícito o ser ontológico e social – "atores ao mesmo tempo coletivos e individuais!" –, enquanto que anteriormente era estruturalmente parte do ser-individual. Em segundo lugar, dentro da sociologia reflexiva, "há em Bourdieu uma 'dualidade de estruturas' em que as estruturas não são apenas o resultado, mas o meio reflexivo da ação. Pelo que aí está, Bourdieu se aproxima dos estudos anteriores sobre o cotidiano.

A contribuição desses aportes para o Método Terapia Ocupacional Dinâmica está na busca de compreender a complexa existência do homem-social, e particularmente nessa sociologia ontológica, em termos de "esquemas" classificatórios, que permitem, ainda dentro da sociologia, "interpretar" o imediato não pensado constitutivo do ser. Usando o termo refletir no sentido de pensar e espelhar pode-se tomar o *hábitus* como instrumental de análise do cotidiano

de um sujeito que, apesar de perdas, é um ser-social, onde as ações, as pessoas, o fazer, a cultura, a linguagem e o consumo são partes de uma concepção do mundo e vice-versa

Discussão

Em tempo e lugares diferentes, dois literatos idilicamente nos apresentam o hábito e o cotidiano.

Graham Greene, (1951), companheiro dos cientistas e do tempo e do espaço, descreve a solidão de seus hábitos:

"Quando jovens, criamos hábitos de trabalho que acreditamos eternos e capazes de suportar qualquer catástrofe. Durante mais de vinte anos, consegui escrever uma média de quinhentas palavras por dia, cinco vezes por semana. Consigo produzir um romance em um ano, o que me permite um bom espaço de tempo para revisão e correção de texto. Sempre fui muito metódico e quando minha cota de trabalho está terminada, interrompo mesmo que seja no meio de uma cena. Uma vez ou outra, durante o trabalho da manhã, conto quantas palavras escrevi e marco, de cem em cem, no manuscrito. O editor não precisa fazer uma revisão muito cuidadosa do meu trabalho, pois na primeira página do texto datilografado está assinalado o número 83.764. Quando eu era jovem, nem mesmo um caso de amor alterava meus horários". ¹¹

Antes dos cientistas, no célebre *Germinal*, publicado em 1885, Zola faz uma pintura precisa e épica da vida cotidiana. A qualidade da informação é valorizada pela abundante documentação literária, como a de campo. Suas numerosas notas foram colhidas durante sua viagem a Anzin, região de mineração, em 1884. O mundo dos mineiros é apreendido ao vivo. Para este fim, uma tradução leiga de versão francesa:

"... o mineiro praticante aconselha-o a guardar

seus instrumentos e empresta-lhe uma picareta e um capacete destinado a proteger a cabeça. ... sua lamparina é presa por um botão de pressão no couro de sua picareta." "E, o conhecia bem, esse ar contaminado, esse ar de morte como dizem os mineiros; abaixo o sujo gás asfixiante e acima o gás leve que clareia e ensombrasse num só golpe, todos os cantos de uma fossa e centenas de homens. Desde sua infância ela avaliou de maneira intensa, que teria que suportar, mesmo que mal, as orelhas zumbindo e a garganta em fogo" "Durante dez horas os rins machucados, ela rodava sua roda, em frente a uma mangueira ardente, a carne cozida pelos quarenta graus de calor. Ela ganha na condição de grau inferior, trinta" "Ele prendia um bloco de carvão entre suas coxas, sentado na terra, as pernas esticadas, desfazendo a golpes de martelo fragmentos de xisto; e um pó nojento envolvia aos bordões, a fumaça negra cheia de impurezas". "O corte onde fui tinha muito grisú. Sente-se lá um peso sobre os olhos. O corte estava seco, outros são úmidos, deixando a água cair sobre os cortadores. Ao calor se junta a água... a sensação de vento violento e frio...". 23

Estes recortes envoltos em poesia dão ao imaginário a possibilidade de uma visão comprovada na obra de um cotidiano previsível de homens e mulheres numa mina ou em torno dela: o lugar, o tempo, as condições de trabalho e as nefastas conseqüências de pobreza, insalubridade e de dores de um cotidiano que terminam fatalisticamente na doença. A grandeza dos literatos que descreveram aos cientistas o cotidiano é que nunca deixaram de mostrar que ele está no plural, no social.

À primeira vista, falar em cotidiano nos leva a pensar diretamente em ações que dizem respeito a nossas rotinas, ou então a tudo que se realiza empiricamente, repetidamente como os hábitos. É o viver o dia a dia de uma forma banal. Nestas associações populares podemos encontrar as raízes de idéias como o vulgar (de vulgo= o povo,

a plebe); trivial (notório, comum) e corriqueiro (correr); por outro lado, pensar o cotidiano a partir de um prisma teórico implica em uma discussão mais específica ou, segundo Heller (1977), "descobrir o incomum no repetido".

Explorar o cotidiano a partir destas discussões teóricas (ou deste prisma) nos leva a uma discussão e compreensão sobre a construção de um campo do fazer construído e com coerência própria, e não apenas como reflexo do acaso, mas um espaço onde o acaso, o repentino pode intrometer-se, apresentando o encontro, o prazer, o desejo como um lapso na cotidianidade permitindo assim transformações e modificações.

O conceito de cotidianidade apresentado em todos os autores vistos anteriormente apresenta um fenômeno cultural importante, apresentando o cotidiano discutido no plano de construção da sociedade.

O conceito de cotidianidade pode ser assim descrito por nós, a partir do estudo dos autores citados. Cotidianidade é um conjunto de procedimentos que formam o tecido da atividade social, procedimentos estes que são da ordem tanto do individual (uma vez que são práticas rotineiras do indivíduo na manutenção de sua vida pessoal), quanto do coletivo (são práticas que efetivam construções históricas ao determinarem as maneiras majoritárias de fazer as coisas num grupo social) (Tedesco, 2003).

A rotina e os hábitos, entendidos como características da cotidianidade, introduzem uma certa sucessão nas atividades da vida cotidiana. A relação sujeito-sociedade, alimentada por uma importante discussão pluralista no debate sociológico, merece nos nossos estudos um foco mais específico. É nesta relação – vida cotidiana, construção pessoal na prática social – que encontra-se a linha de raciocínio do nosso estudo como terapeutas ocupacionais. Se para os autores das ciências sociais a transformação se dá pelo

cotidiano e pela cotidianidade no sentido de sua hierarquia, heterogeneidade, isto é, a transformação se dá pela supressão do cotidiano e, a partir daí, de uma continuidade ou retorno a uma outra realidade pessoal ou elaboração possível. Por outro lado a clínica da terapia ocupacional é criada no encontro de um cotidiano possível, pois ele é ou foi violentamente transformado, pela sua interrupção e não pela sua supressão. O cotidiano da clínica terapia ocupacional, um encontro-construção, é também espaço para "provocar" transformação.

Nos estudos das Ciências Sociais o cotidiano está sempre compromissado com o social, lembrando que o objetivo final da terapia ocupacional – inserção social – cria o compromisso com a multiplicidade de olhares deste conceito.

Cotidiano no método terapia ocupacional dinâmica

Da originalidade de Slagle (e isto nos dois sentidos), o *ceto* reafirma sua herança e propõe atualizações.

– Sobre o propósito inicial da Terapia Ocupacional: reconstruir, reedificar ou reeducar o paciente, mentalmente, fisicamente e socialmente, de acordo com a necessidade individual e com a máxima habilidade do paciente. Este propósito absolutamente pertinente na época sofre atualização na medida em que fazer de novo ou diferente não remete ao refazer e sim ao desenvolvimento e evolução na participação social.

– Sobre o novo paradigma: Slagle, em oposição ao paradigma médico, cria ao mesmo tempo a profissão e a técnica de treinamento de hábitos, ambas calcadas em espaços de saúde ou saudáveis. O pressuposto original, o da Medicina, de enfrentamento e/ou aplacamento de sintomas, passa a ser evolutivamente substituído pelos fundamentos do "fazer" para construir cotidianos

e com a qualidade do "bem-estar", apesar de doenças, dificuldades ou deficiências.

Quando se afirma a criação por Slagle de um novo paradigma através do qual a Terapia Ocupacional foi criada, confirmamos antes de tudo que a profissão tem o sentido de existir com independência e liberdade, uma vez que seus profissionais não estão apenas para cumprir procedimentos estabelecidos por hierarquia e ordem no paradigma médico. O paradigma está estabelecido pela primeira idéia, pelo primeiro modelo de Slagle e que pode continuar (e espera-se que assim seja) para sempre como o da Terapia Ocupacional.

O *ceto* não tem a pretensão de alterar, mudar ou trocar esse paradigma, apenas tem procurado estabelecer um novo método de assistência, ensino e pesquisa em acordo com esse paradigma.

O Método Terapia Ocupacional Dinâmica criado no *ceto*, com a função de propiciar a assistência, o ensino e a pesquisa, fundamenta-se no tempo e no espaço pelas observações e investigações da clínica.

Ao introduzir o termo *método*, ressalta-se que a palavra deriva do latim *methodus* e do grego *methodos*, donde o prefixo "meta" tem o significado de "através de", e "hodos" o de "caminho, estrada", resultando então, etimologicamente, um caminho através do qual se procura chegar a algo ou *um modo de fazer algo*. Poder-se-ia entrar aqui na discussão de ciências, mas este não é o caso. Trata-se então de ponderar um método dentro de um determinado paradigma.

Um método – extenso caminho de processos e procedimentos – não se esgota num conceito ou definição, então as publicações regulares do *ceto* percorrem em trilhas suas observações, investigações e construções técnico-teóricas.

Também seria inconseqüente a apresentação de

um resumo ou de uma compilação. Colocando-nos pessoalmente agora, repetimos em temas comentados que estão no seu todo editado em partes no conjunto das nossas publicações.

Quando introduzimos o método, também o fizemos com a clínica. Esta é entendida como o conjunto dos procedimentos que regem as ações no método terapia ocupacional dinâmica. Calcada numa ética e estética unidas, como já estudada em Wittgenstein (in Chauviré, 1989), que se estende à própria vida, optamos por pensar o não-cotidiano, a interrupção ou alteração da linha de continuidade de uma existência devido a doença, mudanças ou nas próprias intervenções médicas, necessárias e dolorosas através de uma estruturação cotidiana, apesar de doenças, deficiências, dificuldades, déficits e desvantagens.

Trata-se de construir ou recuperar a dignidade da experiência e da ação cotidiana. Dessa forma privilegiamos a saúde e particularmente a saúde mental, como gostamos de denominar na prática clínica, *espaços saudáveis mentais, físicos ou sociais*, observados através das capacidades e habilidades. Esta é a premissa para o fazer e a construção do cotidiano.

De uma população de excluídos, nosso sujeito-alvo tem sua vida cotidiana resgatada através de um diagnóstico situacional. O que faz, como faz, com quem e onde faz, como é apreciado por ele e pelo menos pelos que o rodeiam, isso tudo é que nos dá a primeira noção de sua vida cotidiana.

Entretanto, acreditamos não ser necessária mais que, excepcionalmente, uma intervenção direta nesse cotidiano. Se assim pensássemos teríamos que criar uma clínica baseada em tutela então diferente da proposta paradigmática de Slagle.

Um outro cotidiano, um espaço de fazer, de criar, de produzir, de construir e de reconstruir história, é oferecido no *setting* da terapia ocupacional. Em situações excepcionais consideramos nosso

setting estendido, como uma aplicação com mínimo de alterações, principalmente na conduta da terapeuta e na condução terapêutica.

Por fim, os temas já exaustivamente abordados: os procedimentos do método. Como Slagle, nos preocupamos com a formação da terapeuta ocupacional. Ela dizia de uma personalidade que como descrita contém os preceitos éticos e o estudo continuado como bases para o *conhecimento e cultura* em terapia ocupacional.

Há ainda uma escolha realizada. Neste mesmo número, Pierce discute profundamente *atividade e ocupação*. Por tudo que lá está a respeito do uso do termo *atividade* em terapia ocupacional e sobretudo pelo que já temos estudado, definido e conceituado do termo *atividades* no método terapia ocupacional dinâmica, fechamos num círculo, necessariamente em algum lugar aberto, uma proposta dinâmica de assistência, ensino e pesquisa.

A definição de atividades, instrumento escolhido para o método, é sem dúvida o desencadeante nuclear do nosso conceito de relação triádica.

Este conceito, como consequência, torna-se pressuposto e premissa para todas as técnicas estudadas, investigadas, criadas, desenvolvidas, alteradas, adaptadas e publicadas por nós três e todos os nossos colegas estudiosos-construtores do método. Entendemos a complexidade que propomos ao estudo dos procedimentos da terapia ocupacional, mas a necessidade de ruptura com o senso-comum ou "empréstimos" teóricos sem o estudo epistemológico explica por si mesmo os perigos que um raciocínio pouco reflexivo encerra. As referências bibliográficas apenas indicam, nesta busca de sistematização, um panorama proposto e estudado por nós neste momento. Entretanto, para se conhecer o método terapia ocupacional dinâmica, os estudos teóricos precisam ser associados e articulados à pesquisa,

à clínica e fundamentalmente à formação do terapeuta ocupacional.

Confirma-se agora a hipótese de que este artigo não teria conclusão, mas sim continuidade, e não só através das três autoras, mas sim por qualquer autor que partilhe desse nosso cotidiano.

Pais, em *Sutil senhor* (1995), conta que Einstein foi construindo ao longo de sua vida uma rotina que seguia a risco, hábitos que nunca abandonou e que eram estimuladores: ... "costumava referir-se à leitura cotidiana de *The New York Times* como o seu tratamento de adrenalina"¹⁶. Eis aí "o sujeito" da transformação do cotidiano e da cotidianidade com o sentido de uma vivência transformadora.

Referências bibliográficas

1. Ferreira, A B.H, Novo dicionário da língua portuguesa, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1986.
2. Benetton, M.J. A Terapia Ocupacional como instrumento nas ações em Saúde Mental. Tese de Doutorado, Campinas, 1994.
3. Boirel, r, e col, Les Theories de l'Action Ed. Hachette, Paris 1972.
4. Bourdieu, P. O poder simbólico. Bertrand Brasil, 2001.
5. Certeau, M. A invenção do cotidiano 1. (Artes do fazer) e 2 (Morar, cozinhar). Ed Vozes, Petrópolis, 1999 2002.
6. Chauviré, C. - Wittgenstein, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1989 pg 110, 117, 118
7. Cunha, A.G Dicionário etimológico da língua portuguesa. Nova Fronteira, 2002.
8. Freire Costa, J. Prefácio in Agnes Heller entrevistada por Francisco Ortega. R.J. EDUERJ, 2002.
9. Freud, S. Obras completas, Editorial Biblioteca Nueva, Madri, Espanha, 1981.
10. Giddens, A , Beck, U., Lash, S. Modernização reflexiva , Editora Unesp, São Paulo, 1995.
11. Greene, G., Fim de caso, Editora Record, Rio De Janeiro, 1951
12. Heller, A. Cotidiano e história. Paz e Terra Filosofia. São Paulo, 2000.
13. Jacobs, K, Quick Reference Dictionary for Occupational therapy, Karen Jacobs, EdD, Massachusetts, 1997.
14. Lefebvre, Henri, Critique de la vie quotidienne. L'Arche. Paris, 1981.
15. Lukács, Ontologia do ser social I e II. Ciências Humanas, 1979.
16. Pais, Sutil Senhor, A ciência e a vida de Albert Einstein, Editora Nova Fronteira Rio de Janeiro, 1995.
17. Robert, P., Le Nouveau Petit Robert, Dicchinnaires Le Robert, Paris, 1996.
18. Slagle, E.C. Treinando ajudantes para pacientes com deficiência mental, *Revista do ceto* (8), São Paulo, 2003.
19. Thuillier, G., Pour une histoire du quotidien au XIX e siècle en Nirvernais, Mouton & EHESS, Paris 1977.
20. Turato, E.R. Tratado de Metodologia da Pesquisa Clínico-Quantitativa. R.J. Editora Vozes, 2003.
21. V. Egger "La Naissance contraiguante des habitudes", in Annales de la Faculté de Bourdeaux, 1880).
22. Willard & Spackman, Occupational therapy, Lippincott Williams & Willians, Philadelphia, 1998.
23. Zola, Germinal, Éditions Gallimard, Paris, 1910.

Publicações ceto:

Benetton, M.J. Trilhas associativas, Ampliando recursos na clínica da terapia ocupacional, *ceto* e Diagrama & Texto, São Paulo, 1999.

Revista do ceto, n°s 1,2,3,4,5,6,7 e 8
vide artigo nesta mesma edição